

Gêneros Textuais e História do Jornalismo: Anotações para uma Proposta Didática¹

Marcio da Silva GRANEZ²;

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ

Resumo

Os gêneros ou categorias do jornalismo têm um histórico de investigações já bastante significativo (MELO, 1985; BELTRÃO, 1969, 1976 e 1980), aprofundado pelos recentes estudos que esquadrinham o impacto das mudanças tecnológicas sobre a escrita jornalística (FERRARI, 2007). Informação, opinião, interpretação e entretenimento foram moldados ao longo da história da imprensa brasileira, como reflexo de suas grandes fases (GENRO FILHO, 1987; SODRÉ, 1999). Neste artigo, investigamos a relação entre o desenvolvimento histórico do jornalismo e dos gêneros textuais. A intenção é colher subsídios para uma proposta de abordagem didática, esboçada ao final.

Palavras-chave: Jornalismo; história; gêneros

Primeiras Palavras

Os gêneros textuais ocupam parte significativa da produção teórico-conceitual do jornalismo. Seu impacto no entendimento das transformações por que a imprensa passou desde seus primórdios no país é considerável (GENRO FILHO, 1987; RÜDIGER, 1993; SODRÉ, 1999). Seu uso como ferramenta didática para o ensino da história da imprensa e da redação jornalística merece apreciação.

Neste estudo, iremos nos deter primeiramente sobre uma breve síntese desse desenvolvimento histórico. Em seguida, consideraremos os fenômenos recentes das transformações tecnológicas que caracterizam o final do séc. XX. Finalmente, apresentaremos as linhas gerais da proposta didática baseada no estudo dos gêneros.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UNIJUÍ, email: granez@unijui.edu.br.

A Linguagem como Espelho da Realidade

Nos primórdios da imprensa no Brasil, quando ainda não havia propriamente jornal, mas um apanhado de informações avulsas, a função principal dessas informações era fazer circular da colônia para a metrópole portuguesa os valores da fase mercantilista.

Ao iniciar propriamente em 1808, a imprensa estará marcada pelo conflito, que vai caracterizá-la ao longo de todo o século XIX. É esta fase uma das mais combativas de nosso jornalismo, atravessada ao longo daquele século pelos barulhentos pasquins, e coroadas pelas lutas da Abolição e da República. Aqui o predomínio é o da linguagem opinativa: juízos de valor, textos carregados de apreciações subjetivas, emoção em primeiro plano, ofensas pessoais.

Com a industrialização do país, já no século XX, a imprensa nacional chega à era da informação propriamente. A atividade já não está a cargo dos literatos e dos diletantes. O pequeno jornal dá lugar à grande empresa, que passa a produzir notícia em ritmo industrial. Linguagem depurada, denotação em primeiro plano, *lead* impondo-se como parâmetro do texto da notícia.

Em linhas gerais a imprensa mantém a evolução observada por Genro Filho (1987): de mercantilista no Brasil Colônia, passa em seguida à fase das lutas pela hegemonia da classe em ascensão, no séc. XIX, para desaguar na fase capitalista que predomina no séc. XX, essa marcada pela informação.

Esse modelo, apresentado como um parâmetro para a descrição histórica do jornalismo e da linguagem jornalística, é atravessado por uma miríade de fenômenos mais ou menos impactantes: a fase literária, que convive com o jornalismo na segunda metade do séc. XIX; a reinvenção da narrativa a partir da experiência do New Journalism, na segunda metade do séc. XX; o entretenimento como complemento e gênero ascendente já no final do séc. XX e nos dias atuais, sobretudo a partir do advento da mídia eletrônica.

Destacamos essas fases pelo que têm de relevante em termos de reflexo na linguagem do jornal. Como tal, esses reflexos se cristalizaram em estilos, escolas e ferramentas didáticas, na medida em que ensinar jornalismo passou a ser também uma profissão, com o advento dos cursos de Jornalismo e de Comunicação Social ao longo do último século. De lá para cá, outras mudanças tornaram ainda mais premente a discussão sobre os gêneros jornalísticos: a comunicação instantânea, o fenômeno das redes sociais e as experiências de jornalismo cidadão (FERRARI, 2007; ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013; COSTA, 2014).

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UNIJUÍ, email: granez@unijui.edu.br.

Frise-se que a configuração das fases históricas acima descritas ainda não tem o caráter canônico que encontramos na periodização de nossa literatura, por exemplo. Sobre isso, pode-se mesmo afirmar que o cânone jornalístico está sempre em formação, variando bastante conforme o autor e a obra consultados. Há, contudo, recorrências.

Para os fins deste trabalho, basta por ora afirmar a confluência entre essas fases e as características da linguagem jornalística: no período pré-imprensa, colonial, temos a circulação de raros panfletos com fins comerciais; no período que vai do início da imprensa (1808) ao final do séc. XIX, temos a fase do predomínio da linguagem opinativa; e no período do início ao final do séc. XX, o predomínio da fase informativa, marcada pela presença do *lead* como parâmetro da narrativa jornalística. Na passagem abaixo, Nelson Werneck Sodré (1999, p. 275) descreve a configuração peculiar da imprensa brasileira no final do séc. XIX:

A passagem do século, assim, assinala, no Brasil, a transição da pequena à grande imprensa. Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função. Se é assim afetado o plano da produção, o da circulação também o é, alterando-se as relações do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores.

As transformações na estrutura de produção da imprensa se refletem na configuração dos jornais. Os gêneros também passarão a refletir esse cenário em transformação. No próximo segmento, vamos acompanhar alguns desses fenômenos recentes que impactaram na configuração do jornalismo e dos gêneros jornalísticos.

Novas Tecnologias, Velhos Dilemas

Já no final do séc. XIX se pressentia a aceleração dos processos produtivos e da própria vida. O fascínio pela agitação dos centros urbanos e pelas luzes da cidade está presente na figura do *flâneur* de Baudelaire, estudado como ícone dessa nova percepção por Walter Benjamin (1994). Desde então, essa percepção foi se acelerando, com a explosão dos ritmos industriais no âmbito da I Grande Guerra, celebrados pelos Futuristas e deplorados pelos Dadaístas, e mais tarde, em terras brasileiras, com o trabalho de divulgação e apropriação da Semana de 22, para ficarmos no exemplo da percepção estética.

A consolidação das grandes empresas de jornalismo se dá nesse quadro de desenvolvimento industrial, sobretudo nos grandes centros urbanos, notadamente as capitais. Aos poucos a face da linguagem jornalística vai se modificando: da relativa

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UNIJUÍ, email: granez@unijui.edu.br.

mistura de estilos e de temas, passa-se a um processo de definição de editorias e de busca pela objetividade. Opinião e informação passam a ser claramente classificadas e discriminadas nas páginas dos grandes jornais. O amadorismo e a veia literária recuam. Surgem as primeiras escolas de jornalismo no país.

Nesse contexto, a imprensa passa a separar claramente o fato da opinião, profissionaliza sua equipe e adota o *lead* como parâmetro de linguagem objetiva (SODRÉ, 1999).

Ponto singular dessa história, há o interregno da escola do New Journalism, momento de nova inflexão da veia literária, que toma de assalto a narrativa jornalística agora consolidada em parâmetro da objetividade. Esse interregno ganha mais espaço nas grandes reportagens e nas revistas de circulação semanal. Mas há também o livro, que recebe a produção do jornalismo literário e seus congêneres de forma natural.

Ganha força a narrativa longa, no formato da reportagem, mesclada de recursos literários. Alguns apontam aí o surgimento e consolidação de um novo gênero: o gênero interpretativo (BELTRÃO, 1976; COIMBRA, 1993; BOAS, 1996).

O surgimento da TV a partir dos anos 50 também teve consequências sobre os gêneros ou categorias do jornalismo. Alguns autores apontam na televisão a causa principal da ascensão do entretenimento como gênero próprio do jornalismo. Ele teria se formado a partir dessa confluência: leveza e ironia, típicas da abordagem televisiva, agora também utilizadas com novo vigor na linguagem da imprensa (TAS, 2013).

Assim, teríamos: opinião, informação, interpretação e entretenimento como os quatro gêneros centrais (alguns preferem dizer ‘categorias’) do jornalismo, cada um deles refletindo novas relações com a técnica de produção jornalística.

Com a explosão da informática e da internet, já no final do séc. XX, o cenário apresenta mudanças significativas. Alguns pesquisadores apontam para a formação de um novo ecossistema da informação. O edifício sobre o qual se construiu o jornalismo parece ceder em seus alicerces. Ao menos essa é a percepção de vários estudiosos, muitos dos quais previram inclusive o fim da imprensa. O diagnóstico contundente de Anderson, Bell e Shirky (2013, p. 33) dá o tom dessa nova era:

A adaptação a um mundo no qual o povo até então chamado de “audiência” já não é mero leitor ou telespectador, mas sim usuário e editor, vai exigir mudanças não só em táticas, mas também na concepção que o jornalismo tem de si. Incorporar um punhado de técnicas novas não será suficiente para a adaptação ao novo ecossistema; para tirar proveito do acesso a indivíduos, multidões e máquinas,

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UNIJUÍ, email: granez@unijui.edu.br.

também será preciso mudar radicalmente a estrutura organizacional de veículos de comunicação (estamos cientes de que muitas das organizações de hoje verão nessas recomendações um despautério).

As transformações, em pleno curso, ainda guardam muitas surpresas para todos os que se dedicam à atividade da produção e circulação de informações nos moldes do jornalismo. A fim de avaliar o impacto ainda recente dessas mudanças, interessa-nos aqui olhar ainda mais de perto para o fenômeno da mudança tecnológica e seu impacto na produção da informação, o que faremos a seguir.

Ainda a tecnologia

A explosão de formas surgidas com a internet impacta diretamente na configuração dos gêneros jornalísticos. Para ficarmos em um exemplo apenas: o registro coloquial da fala, antes circunscrito ao rádio e à TV, agora ganha também as páginas virtuais em forma de texto, como transcrição de matérias veiculadas na TV, como acontece em reportagens de portais de notícia.

A velocidade e a instantaneidade da informação deixam suas marcas em todo o espectro da comunicação midiática.

A narração de fatos e o debate público, questões antes restritas ao processo produtivo da informação e da opinião, que envolvia o aparato técnico e os filtros das empresas jornalísticas, agora estão disponíveis a todos, com maior ou menor grau de acesso. Autoria, apuração, revisão, isenção e outros aspectos da produção jornalística estão sob o impacto dessas mudanças, que suscitam questionamentos sobre o futuro da imprensa e seu papel nas sociedades democráticas.

Fenômenos como a transposição do papel para o digital, no caso da imprensa escrita, impactam diretamente no formato dos veículos e, mais especificamente, no formato dos textos.

Alguns autores têm se detido na tarefa de analisar esses fenômenos a fim de adequar a linguagem para o formato digital (FERRARI, 2007). Vários estudos recentes apontam para a necessidade de repensar a transição para o mundo online, sobretudo nos jornais do interior (SANTOS, 2013). A transição não tem sido uma tarefa fácil, em nenhum lugar do mundo (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013; COSTA, 2014).

No que toca aos gêneros, a multiplicação dos suportes fez surgir uma miríade de formatos, cada um dos quais a reclamar uma descrição e um modelo próprio de abordagem

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UNIJUÍ, email: granez@unijui.edu.br.

para a produção eficaz de informação. Lembremos, para ficar num exemplo recente, o formato econômico do Twitter e seu uso posterior nas coberturas jornalísticas.

O cenário atual dos gêneros do jornalismo nos remete a questões recorrentes quando se analisa a história da imprensa, uma delas sendo justamente as adaptações resultantes das mudanças, as respostas dadas ao surgimento de novas mídias. O incremento dos processos produtivos como fator de mudança tem uma longa e rica documentação, sobre a qual se detiveram os economistas e sociólogos ao longo dos séculos, bem como os teóricos da Comunicação.

Destacamos, para ficarmos apenas em um exemplo, a leitura feita por Marshall McLuhan (1979) sobre a invenção da imprensa por Johannes Gutenberg. Mudam as formas de produção e reprodução da informação, muda a sociedade.

Para todos os que hoje se incomodam ou surpreendem pelas exigências de adaptação dos novos suportes, um olhar sobre o impacto das mudanças técnicas na produção dos escritores e jornalistas brasileiros no início do século XX pode dar algum consolo.

Em sua obra sobre o tema, Flora Süssekind (1987, p. 85) registra, sobre a escrita de Oswald de Andrade: “(...) o ritmo quebrado de seu texto parece obedecer, em parte, ao padrão das frases curtas do jornalismo; aos cortes, aos parágrafos pequenos das folhas. E a fragmentação, o estilo ‘telegráfico’ pareciam estritamente ligados à concisão e à simultaneidade prefigurados pelo espaço jornalístico”.

Antes disso, já se apontou a escrita de Machado de Assis como tributária desse processo: a percepção da aceleração temporal da cidade traduzida em mais agilidade na escrita dos capítulos, que são mais curtos, mais ágeis, como a própria vida se mostrava naquela virada de século. Que se dirá então do cenário atual, todo ele marcado pela aceleração e instantaneidade?

Seja como for, o fato é que as respostas aos avanços técnicos se traduzem em formatos peculiares. Desde as lições de McLuhan (1979) a percepção acerca da correlação entre forma e conteúdo das mensagens pode ser tomada como um parâmetro para a análise do desenvolvimento da mídia e seus formatos.

A seguir apresentamos a proposta de abordagem didática da história da imprensa e dos gêneros textuais do jornalismo. Primeiramente, anotações sobre a periodização. Em seguida, sugestões para uma didática dos gêneros, enfocando seu uso em sala de aula.

Proposta: Contexto Histórico

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UNIJUÍ, email: granez@unijui.edu.br.

Do que se viu até aqui, é possível afirmar que as grandes fases da imprensa implicam formatos específicos de produção. Nesta seção apresentamos o esboço de uma proposta didática para o estudo do contexto histórico em que surgem os gêneros do jornalismo. Ela se baseia no desenvolvimento histórico da imprensa, tal como descrito na literatura especializada (BAHIA, 1990; 1993; SODRÉ, 1999), e nos formatos que o texto jornalístico apresenta, tal como estudado pelos autores que abordaram os gêneros do jornalismo (BELTRÃO, 1969, 1976 e 1980; MELO, 1985).

Em termos de desenvolvimento da nação, o gênero que está em destaque na primeira fase de nossa imprensa é o gênero opinativo.

Ele se caracteriza pela parcialidade e pela tomada de partido diante da realidade. Em linhas gerais essa é a marca da imprensa brasileira no séc. XIX. Os pasquins representam o fenômeno mais típico desse período. A linguagem aqui é virulenta, agressiva, apaixonada. O objetivo é combater. A imprensa é utilizada como meio de afirmação e ascensão dos grupos excluídos do poder. O pasquim torna-se o porta-voz dos grupos em conflito (SODRÉ, 1999, p. 180):

Ele foi, realmente, representação extraordinariamente rica do ambiente brasileiro, em sua inequívoca autenticidade. Tomado no conjunto de suas características – a virulência da linguagem não foi senão uma dessas características – revela as peculiaridades nacionais e conserva o conteúdo democrático que constitui o seu traço mais admirável. Sua forma plebéia desperta, naturalmente, aversão à inteligência de timbre aristocrático que o julga e condena. A referida forma traduz, entretanto, com exemplar fidelidade, o que a época tinha de melhor, de mais expressivo, de mais genuíno, de mais popular, de mais democrático.

Em seguida, temos a fase da imprensa informativa. Ela coincide, essa fase, com a industrialização e a profissionalização. Aqui o formato está próximo do *lead*. Os valores são a imparcialidade e a isenção. A linguagem jornalística da notícia é aquela descrita nos manuais de redação de hoje: ‘limpa’, direta, substantiva. A imprecisão e a ambiguidade recuam. Do caráter marcadamente adjetivo da linguagem do período oitocentista, passe-se ao caráter substantivo da linguagem da fase informativa. Ainda Sodré (1999, p. 275) leciona sobre a virada para a fase informativa:

Mas a imprensa estava também consolidada, a de caráter artesanal subsistia no interior, nas pequenas cidades, nas folhas semanais feitas em tipografias, pelos velhos processos e servindo às lutas locais, geralmente virulentas; nas capitais já não havia lugar para esse tipo de imprensa, nelas o jornal ingressara, efetiva e definitivamente, na fase industrial, era agora empresa, grande ou pequena, mas com

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UNIJUÍ, email: granez@unijui.edu.br.

estrutura comercial inequívoca. Vendia-se informação como se vendia outra qualquer mercadoria. E a sociedade urbana necessita de informação para tudo, desde o trabalho até a diversão.

Com o advento da profissionalização e a industrialização já consolidada, o trabalho de produção da informação se especializa. As narrativas passam a comportar também o gênero da interpretação e investigação, agora de forma distendida. A reportagem é o representante maior desse gênero. As características são o caráter autoral, a profundidade e a especialização da linguagem.

O fenômeno do New Journalism contribui para o fortalecimento do gênero, trazendo também, em termos formais, a convergência com a literatura (BELTRÃO, 1976; COIMBRA, 1993; BOAS, 1996).

Mais recentemente, o advento da comunicação eletrônica trouxe o fenômeno do entretenimento para o primeiro plano dos gêneros jornalísticos. Ele tem por característica a leveza na abordagem, o falseamento da realidade e o uso do humor. Alguns autores consideram esse gênero como o mais representativo dos tempos atuais, marcados pelo consumo e pela espetacularização da vida, qualidades que seriam típicas dos tempos que muitos costumam chamar ‘pós-modernos’, na falta de um epíteto mais adequado.

Em termos históricos, esse espaço anteriormente tinha na charge o seu representante principal. Hoje, os *reality shows* e os programas de celebridades, as colunas de fofoca e os quadros de humor são seus representantes mais destacados. Aqui ganha relevo a produção das mídias eletrônicas e da internet voltada para a sátira, o comentário irônico, a paródia e demais armas do arsenal do entretenimento (TAS, 2013).

Como pode ser materializada em termos didáticos a relação entre fases históricas da imprensa e gêneros do jornalismo?

As respostas a essa pergunta são esboçadas a seguir.

Proposta de abordagem didática: Gêneros e História

O estudo das fases da imprensa brasileira pode ser separado em dois grandes momentos: fase opinativa (séc. XIX), marcada pelo gênero de opinião; fase informativa (séc. XX), caracterizada pelo gênero de informação. Nesta última fase, teríamos também a incidência do gênero interpretativo ou investigativo (metade do séc. XX) e do gênero diversional ou de entretenimento (final do séc. XX).

A opinião pode ser estudada com base nas grandes polêmicas do séc. XIX: luta pela Independência, Abolição e República. O artigo opinativo, o editorial, o pasquim são os

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UNIJUÍ, email: granez@unijui.edu.br.

principais objetos de estudo nessa fase. Aqui se pode apontar a correlação entre luta política e luta no campo verbal: ataques pessoais, calúnia, calão etc. Outro elemento que pode ser explorado é a diferença entre as formas mais rebuscadas de expressão típicas do período e as mais simples, que viriam a florescer mais tarde, com a emergência do *lead*. A estrutura argumentativa fornece elementos valiosos para considerações sobre o caráter político da linguagem, ponto essencial da formação do jornalista.

Chegados ao início do séc. XX, temos o advento da industrialização no país. A empresa jornalística dá seus primeiros passos rumo à profissionalização. A linguagem jornalística se depura: aos poucos se livra dos excessos, dos maneirismos, da imprecisão e dos juízos de valor. Aqui o objeto de estudo são as notícias: o *lead* ganha espaço, na esteira dos avanços técnicos. Pode-se comparar a abordagem focada na informação de um texto noticioso com aquela voltada para a defesa de um ponto de vista, de um editorial por exemplo, para enfatizar a diferença. Ordem direta da frase, ausência de juízos de valor, economia de expressão: eis alguns pontos a salientar.

Como vimos, um instrumento didático útil pode ser a comparação histórica do impacto das transformações técnicas sobre o texto jornalístico: do telégrafo sobre o *lead* na metade do séc. XIX ao celular sobre a instantaneidade da notícia, nos dias atuais. As correlações auxiliam a buscar respostas para os desafios próprios de nossa época.

Mais adiante, para abordar o gênero de interpretação, o uso da reportagem é o mais indicado. Ela contém doses de informação e opinião fundamentada, apresenta aprofundamento na apuração da informação em termos de conteúdo e tratamento narrativo literário em termos de forma. Aqui se pode mostrar como a linguagem ganha caráter autoral, tanto pela assinatura dos textos como pelo estilo dos autores. Como esse caráter autoral, por outro lado, não implica uma volta pura e simples à opinião: trata-se de um novo enfoque, tributário do aprofundamento da investigação jornalística e sua expansão temporal nos textos da grande reportagem.

Finalmente, em termos do gênero de entretenimento, o uso dos sites de humor pode ser indicado para o estudo dessa fase. Aqui se pode demonstrar o uso da paródia e da ironia, seu reflexo na construção de personagens, o falseamento das informações, o uso de recursos ligados à informalidade e à expressão oral, todos eles confluindo para alcançar o efeito de humor nas mensagens.

A título de síntese sobre o que foi visto acima, um exercício que pode render bons resultados é o estudo comparativo dos gêneros em uma mesma plataforma, como um site de

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UNIJUÍ, email: granez@unijui.edu.br.

notícias ou um jornal impresso. Dessa maneira se pode mostrar o conflito e a harmonia na convivência dos diferentes tipos de texto e de gêneros num mesmo projeto editorial. Refletir sobre as condições de produção da matéria jornalística, comparar as editoriais e a finalidade de cada uma delas, demonstrar a evolução das técnicas e das formas: eis alguns dos elementos que podem ser explorados.

Em jornais-laboratório, a experiência da construção textual de diferentes gêneros, em seções próprias, é um corolário natural para o ensino nas disciplinas de redação jornalística, e seu uso tem sido disseminado, tanto no formato impresso como no online (LOPES, 1989; FARIA e ZANCHETTA JÚNIOR, 2002; GRANEZ, 2003).

Relacionar a expressão textual ao período histórico pode ser um exercício didático promissor, sobretudo nos contatos iniciais com o estudo dos gêneros jornalísticos. A linguagem, em sua força simbólica, impõe sua lógica sobre o mundo da vida. Compreender essa lógica pode torná-la uma das ferramentas mais importantes do trabalho do jornalista.

Palavras Finais

A periodização da imprensa e sua correlação aos gêneros do jornalismo pode ser uma ferramenta didática valiosa para o ensino do jornalismo, em disciplinas como História da Imprensa e Redação Jornalística. Mediante seu uso, evidencia-se a evolução da linguagem relacionada com a evolução material da imprensa, estabelecendo correlações entre o caráter reprodutivo da vida, da informação e da técnica.

Obviamente, também há limites a essa abordagem. Um dos principais é a existência de sobreposições, em fases em que os gêneros parecem conviver de forma aleatória. Um olhar mais apurado sobre as grandes transformações e períodos revela, contudo, que há configurações próprias a cada um desses momentos, a forma das mensagens adequando-se e respondendo às demandas próprias de seu tempo. E a convivência de gêneros diferentes num mesmo período revela apenas uma das faces da análise: multiplicidade de fenômenos em sincronia.

Ao entender e classificar esses fenômenos, é possível avançar em termos conceituais e construir assim ferramentas didáticas e epistemológicas que serão úteis para o entendimento da realidade. Trata-se de conhecimento de vocação interdisciplinar, no qual estão presentes a história, a linguística, a economia, o direito, entre outras áreas do saber.

Considerando o impacto que a mediação estabelecida pelo jornalismo exerce sobre a sociedade, analisar e entender suas formas ao longo do tempo é tarefa das mais relevantes.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UNIJUÍ, email: granez@unijui.edu.br.

Referências

ANDERSON, C.W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Jornalismo pós-industrial**: adaptação aos novos tempos. In: REVISTA DE JORNALISMO ESPM. abr. mai. jun. 2013, n° 5, ano 2, p. 30-89. Trad. Ada Félix.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**: 1. A história da imprensa brasileira. 4.ed. rev. e aum. São Paulo: Ática, 1990.

_____. **Jornal, história e técnica**: 2. As técnicas do jornalismo. 4.ed. rev. e aum. São Paulo: Ática, 1993.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**: técnica da notícia e da reportagem no jornalismo diário. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

_____. **Jornalismo interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

_____. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo. 2. ed. Trad. José Carlos Martins Barbosa; Hemerson Alves Baptista. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, 3).

BOAS, Sérgio Vilas. **O estilo magazine**: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**: um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática, 1993.

COSTA, Caio Túlio. **Um modelo de negócio para o jornalismo digital**. Como os jornais devem abraçar a tecnologia, as redes sociais e os serviços de valor adicionado. In: REVISTA DE JORNALISMO ESPM, abr. mai. jun., 2014, n° 9, ano 3, p. 51-115.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA JÚNIOR, Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

FERRARI, Pollyana. **Hipertexto, hipermídia**: as novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo: Summus, 2007.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: por uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

GRANEZ, Marcio da Silva. **Projeto jornal-laboratório “O Barata”**: relato e reflexões. In: REVISTA FORMAS E LINGUAGENS, jul. jun. 2003, n° 5, ano 2, p. 145-163.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal laboratório**: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus, 1989.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (understanding media). 5.ed. São Paulo: Cultrix, 1979.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UNIJUÍ, email: granez@unijui.edu.br.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1993.

SANTOS, Vinicius Fruhling dos. **O futuro do jornal impresso**: ênfase no jornalismo local. Ijuí: UNIJUÍ, 2013. (Trabalho de Conclusão de Curso – monografia).

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad: 1999.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras**: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TAS, Marcelo. **Humornalismo**. Fazer rir não é uma obrigação. É apenas uma virtude, uma qualidade possível, como a beleza. In: REVISTA DE JORNALISMO ESPM, out. nov. dez. 2013, n° 7, ano 2, p. 30-35.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UNIJUÍ, email: granez@unijui.edu.br.